

As relações e as trocas na plataforma de streaming Twitch

Christian Thorstensen – PPGA/UFF – Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

A Twitch é uma plataforma digital dedicada à transmissão ao vivo de jogos eletrônicos, atividade também conhecida como *live streaming*. Há nove anos reúne aqueles que transmitem e aqueles que assistem, alcançando no ano passado uma média de um milhão e duzentos mil espectadores diariamente. No total de um ano, cento e setenta milhões de transmissões totalizaram mais de onze bilhões de horas de conteúdo audiovisual. As diversas interações que ocorrem entre seus usuários produzem relações anunciadas por alguns como possuindo caráter “afetivo”. Tais vínculos são recorrentemente declarados por meio de mensagens de texto, acompanhados de transações financeiras realizadas àqueles que transmitem recorrentemente, os *streamers*.

Ao longo de mais de um ano de trabalho de campo realizado tanto nessa plataforma quanto em outras que lhe orbitam, interagindo com diferentes usuários e *streamers*, pude observar diferentes situações que me levam a concluir que, embora presente, tal “afeto” não é o elemento determinante para a construção de relações entre tais sujeitos. Longe de agir como um “juiz”, afirmando se o sentimento envolvido é “verdadeiro” ou “falso”, a questão para mim é que a formação do grupo não é derivada de sua presença. As práticas intermediadas pela Twitch, sejam as envolvidas nas transações financeiras propriamente ditas ou não, não ocorrem porque aqueles sujeitos fazem parte de uma “comunidade”. Pelo contrário: é sua realização que forma tal grupo. Ele não existe previamente. Sua determinação é tão difusa e distribuída, que nem vem ao caso a discussão sobre sua “existência”. Em um processo semelhante ao que Latour (2012)¹ descreve, acredito que sejam um conjunto de ações, de cadeias de atores mobilizados, que produzem *associações* entre os envolvidos - de “espectadores” a “*streamers*”, incluindo outros atores como o “cartão crédito” utilizado para a transação financeira. As práticas envolvidas nesse sistema colocam esses atores “em relação” constante, num trabalho contínuo de “endurecimento”. Não é um grupo fixo. Distribuído, é o *produto* da construção realizada por diferentes atores em diferentes contextos. Como o autor escreve, “sem trabalho, sem grupo”. (p. 59)

¹ LATOUR, Bruno. Reagregando o social. 1ª. ed. Salvador; São Paulo: Edufba; Edusc, 2012